



Candidates must complete this page and then give this cover and their final version of the extended essay to their supervisor.

Candidate session number

Candidate name

School number

School name

Examination session (May or November)

May

Year

2013

Diploma Programme subject in which this extended essay is registered: Portuguese Lang A - Cat. 1
(For an extended essay in the area of languages, state the language and whether it is group 1 or group 2.)

Title of the extended essay: Até que ponto a violência e a corrupção no Rio de Janeiro geraram uma "guerra civil" e em que medida a linguagem dos personagens apresentados no filme Cidade de Deus refletem essa realidade?

Candidate's declaration

This declaration must be signed by the candidate; otherwise a grade may not be issued.

The extended essay I am submitting is my own work (apart from guidance allowed by the International Baccalaureate).

I have acknowledged each use of the words, graphics or ideas of another person, whether written, oral or visual.

I am aware that the word limit for all extended essays is 4000 words and that examiners are not required to read beyond this limit.

This is the final version of my extended essay.

Candidate's signature:

Date:

Supervisor's report and declaration

The supervisor must complete this report, sign the declaration and then give the final version of the extended essay, with this cover attached, to the Diploma Programme coordinator.

Name of supervisor (CAPITAL letters)

Please comment, as appropriate, on the candidate's performance, the context in which the candidate undertook the research for the extended essay, any difficulties encountered and how these were overcome (see page 13 of the extended essay guide). The concluding interview (viva voce) may provide useful information. These comments can help the examiner award a level for criterion K (holistic judgment). Do not comment on any adverse personal circumstances that may have affected the candidate. If the amount of time spent with the candidate was zero, you must explain this, in particular how it was then possible to authenticate the essay as the candidate's own work. You may attach an additional sheet if there is insufficient space here.

In spite of the fact that chose his topic of research early in the year, he lacked consistency and organization throughout the process of writing the extended essay. As a result, the final paper presents an analysis that is limited by the broad scope of his research question. Also, the structure of the essay is hard to follow, and the conclusion drawn could be more adequately supported.

This declaration must be signed by the supervisor; otherwise a grade may not be issued.

I have read the final version of the extended essay that will be submitted to the examiner.

To the best of my knowledge, the extended essay is the authentic work of the candidate.

I spent hours with the candidate discussing the progress of the extended essay.

Supervisor's signature:

Date:

Assessment form (for examiner use only)

Criteria	Achievement level				
	Examiner 1	maximum	Examiner 2	maximum	Examiner 3
A research question	0	2		2	
B introduction	1	2		2	
C investigation	1	4		4	
D knowledge and understanding	0	4		4	
E reasoned argument	0	4		4	
F analysis and evaluation	0	4		4	
G use of subject language	2	4		4	
H conclusion	0	2		2	
I formal presentation	1	4		4	
J abstract	0	2		2	
K holistic judgment	0	4		4	
Total out of 36	5				

Até que ponto a violência e a corrupção no Rio de Janeiro geram uma “guerra civil” e em que medida a linguagem dos personagens apresentados no filme *Cidade de Deus* refletem essa realidade?

Portuguese Lang. A, Cat. 1
Group 1 Extended Essay

May 2013
Word Count: 3697

ÍNDICE

Resumo	Página 1
Introdução	Página 2
Capítulo 1: Generalização	Página 5
Capítulo 2: Educação precária	Página 8
Capítulo 3: Dois mundos	Página 10
Conclusão	Página 11
Bibliografia	Página 13

“Com a guerra, a Cidade de Deus ficou dividida. Quem morava no área do Galinha não podia atravessar pra área do Pequeno. Nem que fosse pra visitar parente... A vida na Cidade de Deus virou um filme de banguê-banguê. E por incrível que pareça, quanto mais se matava, mais maluco aparecia pra entrar na guerra. Ou pra se divertir. Ou pra acertar as contas com alguém.”

Buscapé

RESUMO

O longa-metragem *Cidade de Deus* (2002), dirigido por Fernando Meirelles e co-dirigido por Kátia Lund, traz a história de Buscapé, uma personagem que vive em uma das maiores favelas do Rio de Janeiro, a Cidade de Deus. Esse trabalho irá analisar a influência da vida dentro da favela na linguagem apresentada pelos seus habitantes e como isso reflete a guerra civil que está presente no seu cotidiano.

De acordo com a produção, os moradores possuem diferentes métodos de ganhar a vida, ou seja, na favela não cabe a generalização. Muitas pessoas já associam a ideia de favela com uma cidade fora-da-lei, na qual somente habitantes impetuosos sem coração habitam o lugar. Porém, além dos muros de baixa qualidade que estruturam as favelas, existe um mundo que não vemos, na qual pessoas de todos os valores batalham para trazer o pão de cada dia.

Alguns especialistas vêm notando o aumento da criminalidade brasileira; a cada 100 000 habitantes de São Paulo, 25-30 são assassinados¹. Eles afirmam que a pobreza em si não justifica tal aumento e que o investimento em educação e uma qualidade de vida melhor pode diminuir a violência. O filme retrata bem esse aumento e aplica uma linguagem singular para os que cometem violência e os que vivem honestamente.

O idioma da favela foi estruturada de uma forma na qual a linguagem reflete o carácter de cada personagem. Alguns impõem mais respeito ou intimidam por meio de termos de baixo calão e gírias das favelas. Outros querem ser respeitados escolhendo palavras mais adequadas para cada situação. Em geral, a favela criou o seu próprio dialeto com as suas próprias regras.

(275 palavras)

¹ FERRAZ, 2000.

INTRODUÇÃO

O longa *Cidade de Deus* (2002), dirigido por Fernando Meirelles, marcou o cinema brasileiro, impressionando ao público nacional e internacional. Ele traz uma outra visão do Brasil, desmascarando a corrupção presente na política, na polícia, especialmente a carioca, e como essas práticas corruptas do Rio de Janeiro forçam os habitantes a mergulharem na criminalidade. O longa destaca as principais diferenças, semelhanças e relações entre elas. As telas mostraram o Brasil de um ângulo diferente – a realidade do Brasil, mais especificamente, a realidade que se passa os habitantes do estado do Rio de Janeiro. Uma das características mais marcantes do filme – além da violência e brutalidade abordada por meio das relações entre os personagens – é a linguagem propriamente dita. Ela se apresenta de uma forma diversificada durante o filme, sendo especialmente veiculada por Buscapé. Já na essência da produção, é fácil perceber a linguagem que a própria favela cria.

Durante o filme, é possível ver que Buscapé tenta se comunicar fazendo uso de dois tipos diferentes de linguagem. Quando ele fala diretamente com o espectador, narrando a história, ele tenta ser o mais formal possível, mesmo que não chegue nos níveis de formalidade esperados pelo mundo fora da favela; e a segunda linguagem é apresentada com seus amigos e companheiros da favela, a qual possui uma linguagem própria: a língua dos traficantes e da população local. O trecho abaixo retrata bem o uso da primeira linguagem.

BUSCAPÉ: O Trio Ternura não tinha medo de ninguém. Eles achavam que a cidade de Deus era deles. Mas tinha um monte de bandido que achava a mesma coisa. Naquele tempo, a Cidade de Deus ainda não tinha dono. [...] Quando eu cheguei na Cidade de Deus, [...] a minha família era como todas as outras: a gente tinha ficado sem casa por causa das enchentes... E a filosofia do governo naquela época consistia no seguinte raciocínio: “não tem onde pôr? Manda pra Cidade de Deus!”

Esse trecho não apresenta nenhum erro notável de gramática ou alguma gíria que a torne fora dos padrões de uma linguagem formal. Buscapé ainda acrescenta palavras mais incomuns em uma conversação informal, como “filosofia”, “consistir” e “raciocínio”. Os trechos abaixo ilustram a segunda linguagem mencionada acima.

BUSCAPÉ: Pô, Barbantinho. Se eu conseguir essa foto, eu vou ficar na moral com os cara lá, tá entendendo?

MARRECO: Vai rápido. Faz o que eu tô mandando moleque.

BUSCAPÉ: Nem fodendo que eu vou ficar pelado na rua.

Os trechos são exemplos de quando Buscapé está dirigindo a palavra a amigos ou familiares da favela. O uso de palavras e expressões como “pô”, “ficar na moral com os cara”, “tá entendendo” e “nem fodendo” mostram que o personagem mudou totalmente a sua linguagem para adaptar ao meio na qual ele se encontra. Por exemplo, ele usa uma palavra de baixo calão quando Marreco usa uma linguagem mais bruta e violenta. Um ambiente violento estimula o uso de palavras e expressões mais informais e de baixo calão.² Assim, existem dois tipos de linguagem que Buscapé acaba usando durante o filme.

Quando Buscapé começa a trabalhar e interagir com os funcionários do jornal, é possível ver que, apesar da educação precária que possui e da influência que recebeu da linguagem da favela, o protagonista se esforça, de um modo ou de outro, para falar com os funcionários por meio da linguagem que eles, funcionários, usam. Ele não quer se sentir inferior ou ter menos chances de alcançar sucesso por falar a linguagem do morro. Basta observar o trecho abaixo. O contraste, porém, é apresentado quando Buscapé fala a mesma coisa, porém para seu amigo.

MARINA: Emprego é difícil [...].

BUSCAPÉ: Mas se eu pisar na favela de novo, eu posso morrer.

BARBANTINHO: Caralho! Olha o Zé Pequeno no jornal!

BUSCAPÉ: Puta que pariu! Ele vai me matar!

A diferença da escolha de palavras fica claro quando esses dois trechos são comparados. Enquanto que com Marina, uma funcionária do jornal, ele diz “eu posso morrer”, com o seu amigo ele usa um palavrão e é muito mais direto. Ele não diz “eu posso morrer”, implicando a possibilidade de morte. Ele afirma que “ele vai me matar”, implicando que haverá morte.

² SPADA, Nina; LIGHTBOWN, Patsy, 47-48.

A favela é um conjunto habitacional precário, na qual infraestrutura, saneamento básico e regularização fundiária são escassos ou inexistentes. É possível comparar as favelas do Rio de Janeiro a uma cidade abstrata, que está sempre em mudança. Elas são geralmente habitadas por pessoas que não têm capacidade de pagar por uma propriedade legal na cidade. Como a favela é uma terra sem lei concretas, como países e cidades, ela é administrada pelo chefe da Boca de fumo, isto é, o chefe que comanda todo o tráfico de drogas e armas na favela. Apesar de ser sem leis escritas, a favela possui um mecanismo de segurança, uma lei oral. Se um indivíduo é prejudicado por um outro indivíduo, o chefe da Boca tem a obrigação de punir o prejudicador (geralmente com morte) para evitar confusões dentro de sua própria área.³ Existem também conflitos entre favelas, que são dadas pelos chefes das Bocas de cada respectiva região. O filme deixa clara a relação entre a Boca de Zé Pequeno e a de Cenourinha. Desentendimentos pelos chefes e por habitantes das favelas são causados, gerando, assim, uma guerra civil. Além do conflito entre as favelas, existe um terceiro elemento: a polícia. Muitas vezes a polícia “finge que não viu nada” mediante a um pagamento – popularmente conhecido como “propina” – trazendo a corrupção para dentro das favelas. Isso acaba aumentando a liberdade a qual Zé Pequeno e Cenourinha possuem de continuar com as mortes encomendadas e brutais. No longa, a polícia é contratada pelos chefes das Bocas para que uma figura com autoridade e licença para matar possa fazer a “parte suja” do trabalho sem ter o risco de “ficar na mira” das organizações.

Existe um processo e mecanismo complexo de comercialização de drogas e outros crimes severos, como assassinato por encomenda. As únicas pessoas que realmente conhecem esse labirinto são os próprios moradores e quem comanda são os donos da Boca. Eles implementam a ideia de que estudar ou ser honesto não leva a nada, como pode ser visto na vida da personagem Mané Galinha. Ele é batalhador e trabalhador, mas sua família é massacrada pelo Zé Pequeno, e isso causa ele a ter uma outra ideia: a de matar e roubar para conseguir o que quer. Porém, o filme traz um contraste, apresentado por Buscapé, quem batalha e quer ser um fotógrafo profissional. Alguns moradores não roubam e nem estudam, eles se infiltram no tráfico de drogas, que por sinal, é algo que rende muito lucro. Bené seria o “braço direito” de Zé Pequeno, o chefe da Boca, e ele consegue subir de classe por meio da venda de cocaína.

Sem educação, um dos fatores que geram a linguagem da favela, as personagens adquirem diferentes valores, aquelas que vão melhor servi-las na hora de conseguir o que quiserem.

³ SILVA, 2010, 285.

No início do filme, é notável que as crianças crescem sem um elemento educacional (escolas, aprendizado em casa, etc.), herdando a língua passada por seus irmãos e pais. Assim, a linguagem da favela é algo que sobrevive e que se desenvolve com o tempo – seja para melhor ou para pior.

O objetivo deste trabalho é enfatizar as péssimas condições de vida dos moradores de uma favela, levando o leitor a descobrir como tais condições geram uma forma de comunicação verbal própria, que chamaremos de “linguagem da favela”, e como tal linguajar é apresentado no filme *Cidade de Deus*. Esse texto enfoca também as condições de vida e o alto índice de violência que existe nas comunidades pobres das cidades, com ênfase no Rio de Janeiro, onde se passa o filme. Diante de uma realidade tão desumana, a indústria cultural não poderia ficar indiferente. As questões e os personagens apresentados em *Cidade de Deus* tornaram-se emblemáticos para toda a sociedade urbana.

GENERALIZAÇÃO

Na favela não cabem generalizações, isto é, ela é composta por moradores que agem de formas diferentes. A favela, diferente do estereótipo que foi desenvolvido pela sociedade, não possui moradores com mesmos valores e formas de comportamento. Nem todos são criminosos, alcoólicos, drogados, foras-da-lei; ao contrário, muitos dos habitantes são trabalhadores que se esforçam todo dia para sobreviver e trazer o pão de cada manhã por meios legais e honestos.

No filme *Cidade de Deus*, a ausência da generalização fica ainda mais evidente. O longa traz três personagens que cabem perfeitamente no exemplo: Mané Galinha, Buscapé e Zé Pequeno. A vida que cerca essas personagens, o modo como cada uma vê a vida e seus respectivos valores são completamente diferentes. A pobreza pode ser um dos fatores mais influentes, porém a miséria em si não justifica a violência e a criminalidade. Investimentos em educação e melhor qualidade de vida pode melhorar o quadro, porém a causa da criminalidade vai além do governo, como disseminação das drogas, tráfico de armas e conflitos familiares.⁴

Mané Galinha é uma personagem que acreditava no trabalho honesto, esforçado e legal. Ele encarava a vida de um modo na qual ele precisava “ganhar” ao invés de roubar dos outros. Porém, quando a turma de Zé Pequeno massacrou sua família, a personagem honesta sentiu uma

⁴ FERRAZ, 2000.

forte emoção vingativa dominar o seu corpo. Ele prometeu que a única coisa que faria contra a lei seria vingar-se do massacre. De pouco em pouco, Mané Galinha começou a cair no mundo da criminalidade e morreu traído pelo seu próprio veneno: vingança. O excerto abaixo mostra claramente a sua perspectiva de como ganhar do mundo.

MANÉ GALINHA: Cêis são lá do Cidade de Deus?

BUSCAPÉ: É a gente mora lá.

MANÉ GALINHA: Ó aí. Passa um por baixo aí, o outro paga a passagem. Aí, cêis tem que sair de lá, estudar, pra sair lá daquela comunidade lá, cara. Lá na favela, muito polícia, muito bandido também.

BUSCAPÉ: Tu estudou, mano?

MANÉ GALINHA: Estudei. Fiz o colegial, servi o quartel. Fui o melhor atirador-combatente da minha unidade. Agora tô nesse emprego aqui por falta de coisa melhor. Mas eu sei lutar caratê. E, se eu descolar aí uma academia... com certeza eu vou sair da favela.

BUSCAPÉ: Então tú é bom de briga?

MANÉ GALINHA: Não. Eu sou bom de paz. Paz e amor. Mas se precisar...

Além de apresentar o ponto de vista de Mané Galinha, o trecho revela alguns fatores que causam a guerra civil nas favelas do Rio. Elementos como a falta de educação e “muito polícia, muito bandido” são algo que a personagem cita como negativo das favelas e que para conseguir escapar da guerra, é necessário estudar.

Zé Pequeno, por outro lado, cresceu cercado com a criminalidade. Sua cabeça, desde pequeno, possuía violência sem remorso e sem pena. Uma cena forte que pesa ao espectador é a cena em que Dadinho (Zé Pequeno quando criança) mata os funcionários e os hóspedes do motel sem nenhuma culpa e achando aquele espetáculo de horrores algo prazeroso. As intenções de Zé Pequeno são totalmente opostas ao de Mané Galinha, quem no princípio não conseguia matar nem uma sequer pessoa sem um longo processo de arrependimento.

A terceira personagem é Buscapé, ele é uma das únicas personagens do *Cidade de Deus* que vive nos dois mundos: no mundo da favela e no mundo fora dela. O filme começa com Buscapé falando com seu amigo sobre arranjar um trabalho. E é possível concluir que esse “trabalho” não é nem ser policial ou bandido, pois a personagem admite ter medo de tomar bala.

Essas três personagens são claros exemplos de que na favela não cabe a generalização, isto é, a favela possui pessoas de todo gênero e pensamento; nem todas as pessoas são iguais, algumas tem medo de morar lá, outros acreditam no trabalho honesto, e outros não estão nem aí com assassinato e violência bruta.

Essas três personagens carregam um estilo de vida diferente um do outro. Mané Galinha vivia na honestidade diferentemente de Zé Pequeno, quem vivia na malandragem. Buscapé ganha sua vida por ter um privilégio que poucos têm: acesso aos lugares restritos da favela. As personagens possuem valores diferentes e noções variadas da vida, o que leva a favela a ser um lugar que não aceita generalização.

Uma outra personagem que é incrivelmente importante nesse aspecto é Bené. No filme, ele é a mão direita de Zé Pequeno, quem não é a favor da violência mas é a favor do comércio de drogas. Bené é o personagem que após juntar dinheiro suficiente para levar uma vida boa, abandona o cargo no comércio de drogas para ter uma oportunidade que nunca teve: viver sem medo. Ele arranja uma namorada e os dois planejam fugir para bem longe, aproveitando suas vidas ao máximo.

Um fato interessante nesse personagem é que ele foi criado de um jeito similar que o Zé Pequeno, porém os dois desenvolveram pessoas diferentes dentro de si. É possível ver que Bené só está ao lado de Zé Pequeno para tirar proveito financeiro da Boca. E Zé Pequeno só está na Boca pelo poder ilimitado. Isso prova que apesar dos dois personagens crescerem juntos, em situações semelhantes, não se pode generalizar todos os habitantes dela, pois cada um desenvolve a pessoa dentro de si do jeito que achar mais conveniente.

A educação é quase inexistente nas favelas e os recursos escolares não são da melhor qualidade.⁵ Consequentemente, muitos trocam a escola pelo trabalho na rua ou acabam nas atividades criminosas. A educação é um elemento do ambiente e sua escassez formal afeta a vida das crianças em diversos aspectos. A escola pode oferecer alternativas contra o meio violento, guiando os alunos em suas escolhas e ensinando a dizer não quando são pressionados a entrar na criminalidade. Em tese, a escola é o grande remédio contra a violência.

Dito isso, a favela não é um lugar que somente abriga foragidos da lei ou traficantes de drogas, ela abriga uma vasta população de diferente etnias e diferentes valores. O diálogo acontece quando Buscapé (quando menor) pega para ver a arma do irmão (Marreco), e o irmão replica:

⁵ DOWDNEY, 162.

MARRECO: Me dá essa merda aqui, Buscapé. Isso aqui não é pra você ficar metendo a mão, não. Você tem que estudar.

BUSCAPÉ: Você não tem medo de tomar um tiro, não?

MARRECO: Eu tô nessa vida porque eu sou burro. Você, não. Você é muito inteligente. Você tem que mais é que estudar.

BUSCAPÉ: Eu só estudo porque não gosto de trabalhar fazendo força.

MARRECO: Faz uma promessa pra mim. Você nunca mais vai tocar a mão nessa arma. Promete?

Podemos ver que o irmão conhece bem a vida de criminalidade e, apesar de cometer crimes, ele quer levar o irmão Buscapé para o lado justo e trabalhador da vida e tirá-lo do caminho errado. O desejo dele é que Buscapé nunca vire um foragido da lei, mas sim, um rapaz bem sucedido que estudará para conseguir aquilo que quer.

Dado essas informações, é possível ver que a favela dispensa a generalização. Ela funciona por um sistema de divisão de poder que até hoje sobrevive. Não cabem generalizações na favela, por ser uma cidade sem lei. Cada um desenvolve a sua própria função dentro dela. Uns percorrem o estudo, o serviço militar e o trabalho honesto. Outros procuram ter poder, controlar a favela, organizar tráficos de droga e trazer a segurança bruta dentro dos seus domínios. Se todos fossem assassinos cruéis e brutais que procuram poder, a favela poderia sair do controle e resultar extinta.

EDUCAÇÃO PRECÁRIA

No início do filme, é possível ver que as crianças deixam de ir à escola para jogar bola e assaltar os caminhões de gás que passam na rua. Porém, é interessante notar que Buscapé já recusa de imediato a acompanhar seu irmão, Marreco, nos assaltos. Ele é um indivíduo que teme ser baleado. Assim, o medo faz com que ele escolha um outro caminho. Buscapé tem a oportunidade de um caminho alternativo pois é oferecida a educação a ele. Assim, o foco desse capítulo está no papel da educação na formação da linguagem da favela.

Existe um episódio de *Cidade dos Homens* (2002) que mostra uma típica aula numa escola pública perto de uma favela. O protagonista atende às aulas e, para esclarecer dúvidas, ele faz

perguntas à professora conjugando o verbo errado e colocando palavras que não existem. A professora, além de não corrigi-lo, não responde às perguntas do menino, ignorando-o e desmotivando o aluno a fazer perguntas. Por causa dessas correções que não existem nem na escola (muito menos em casa), a linguagem que a própria favela desenvolveu vai ficando mais concreto. Ela deixa de ser uma abstração e vira uma “lei”, na qual todos os moradores tentam seguir. A linguagem da favela possui também um vasto vocabulário de baixo calão. É possível ver que no filme *Cidade de Deus* as personagens estão toda hora soltando algum “Seu filho da puta”, “seu arrombado, eu não falei pra tu pegar a galinha”, ou “vai toma no cu”. O trecho abaixo retrata claramente esse uso saturado desse vocabulário de baixo calão.

ZÉ PEQUENO: Você aí, meu irmão! Segura a galinha! Porra! Vambora! Porra!

BUSCAPÉ: Tu acha mesmo que eu gosto de ficar cara a cara com aquele bandido filho da puta?

ZÉ PEQUENO: Pega a galinha aí, ô, rapá! Ô, filha da puta, eu não mandei você segurar a galinha, rapá? Seu arrombado! Senta o dedo na galinha!

O próximo exemplo ocorre quando Buscapé faz uma visita ao Boca dos Apês, administrada por Neguinho. Enquanto ele conta a história dos donos da Boca dos Apês, o seguinte diálogo acontece:

COMPRADOR: E a maconha pra mim fumar?

GRANDE: Ah, fuma do teu, bicho. Enfia no cu e joga fora.

É claro que o mundo fora da favela possui esse vocabulário também, a diferença é que existe um uso exagerado dessas palavras numa conversação regular. O lugar e a situação em que eles se encontram não afetam a frequência dos palavrões, seja na escola, na igreja, ou no tribunal, o uso dessas palavras são mais comum.⁶ Pode-se dizer que isso é uma influência dos antepassados que principiaram com essa língua da favela.⁷ Cada palavrão possui um significado distinto que emite, muitas vezes, uma posição de superioridade. Por exemplo, Zé Pequeno utiliza muitas

⁶ MISSE, 238.

⁷ SILVA, 2012.

vezes palavras de baixo calão porque ele é o que tem mais poder. Ele *pode* xingar qualquer um. Já as outras pessoas vão pensar duas vezes antes de xingar Zé Pequeno.

DOIS MUNDOS

Buscapé é um personagem que, muitas vezes, tem de adaptar sua linguagem. Ele incorpora dois tipos de linguagem diferentes, uma que ele utiliza no mundo dentro da favela (com seus amigos) e outra que ele utiliza fora dela (com seus colegas de trabalho e para a narração da própria história). Os excertos abaixo retratam essa diferença.

BUSCAPÉ: Porra meu, tu acha que gosto de ficara cara a cara com aquele bandido filho da puta?

BUSCAPÉ: Porra! Não dava pra meter uma bala na cara da mina...

BUSCAPÉ: E como todo pobre, eu tive que começar de baixo: eu consegui comprar a câmera mais vagabunda do mundo.

Talvez as palavras não sejam tão sofisticadas, mas durante o filme todo, é raro Buscapé soltar um palavrão ou alguma gíria da favela enquanto está narrando. Além da escolha de palavras, outra característica importante é ao pronunciado das palavras. Buscapé vai contra a regra da fonética da linguagem favelada.⁸ Seus “E” e o seus “O” pretônicos não são fechados na maioria das palavras em que não correspondem a um “É” ou “Ó” abertos tônicos. Por exemplo, ao invés da palavra “fechar” ser “fêchar” (linguagem favelada), Buscapé diz “fechár”.

Ele aprende valores e se adapta a cada ambiente de acordo com sua realidade e requerimentos. No mundo da favela, Buscapé se solta pois está no seu meio natural. Ele cresceu ali, então, ele está acostumado com a linguagem, a brutalidade e a injustiça. Porém, quando Buscapé sai da favela e tenta arranjar um emprego na editora de jornal, ele teve de se esforçar para ficar sociavelmente aceitável. Ele está bem no meio desses dois mundos, na qual o trânsito de linguagem deve ocorrer para o personagem poder ser reconhecido.

⁸ SILVA, 2012.

Buscapé participa da vida da favela. Ele ajuda os seus companheiros, mas ao mesmo tempo, ele participa da vida social fora da favela. Ele se esforça para desenvolver um linguajar propício para um emprego de fotógrafo. Ele também interage bem com as pessoas, especialmente porque ele teve uma relação amorosa com a jornalista que o acolhe.

Ele utiliza a vantagem de ter algo que muitos fotógrafos não tem: acesso aos lugares restritos que um fotógrafo jamais se arriscaria a ir. Ele aproveita esse benefício do mundo da favela para subir no mundo fora da favela. Apesar de morar na favela, Buscapé é sociavelmente aceito por seus colegas de trabalho e é louvado por suas fotos exclusivas; assim, o personagem passa sobre a lacuna que fica presente entre os dois mundos e constrói uma ponte que somente ele consegue passar. Ele pode assim separar os dois mundos na sua cabeça, mas adquire a passagem livre da personagem.

CONCLUSÃO

A favela pode ser diferenciada como um mundo totalmente diferente do nosso. O filme *Cidade de Deus* aborda essa diferença claramente, dividindo os dois mundos pelas experiências do personagem principal, Buscapé. As leis, que são determinadas pelo chefe da Boca, são seguidas por meio de violência e punições ilegais (tal como morte). Além disso, a favela não aceita generalizações. Isto é, nem todos os habitantes da favela possuem os mesmos valores e a mesma forma de pensar e levar a vida. Como dito anteriormente, a educação precária pode ser um dos principais responsáveis pelo alto índice de violência, porém ela também é responsável pela linguagem que a própria favela desenvolve. De acordo com o longa-metragem, a favela está constantemente em uma guerra civil, a qual é causada pela disputa de poder das Bocas. Não importa quem ou o que você faz na favela, o morador sempre estará envolvido e correndo o risco de vida a qualquer momento.

Para ser respeitado, intimidar, ou até mesmo respeitar, a comunidade da favela cria as suas próprias gírias e dicções. Porém, há dois fatores que possa influenciar o linguajar da favela retratado no filme *Cidade de Deus*. O primeiro deve-se ao sotaque carioca, que já apresenta um a aparência leve e suave com os “R” e os “S” prolongados. Além disso, devido à baixa condição de educação que é introduzida, eles desenvolvem jeitos mais rápidos e práticos de comunicação.⁹

⁹ SPADA, Nina; LIGHTBOWN, Patsy, 47-48.

Um fato interessante é que o filme *Tropa de Elite* (2007) traz uma outra perspectiva da linguagem abordada por membros fora da favela com a favela. Os policiais da BOPE usam o mesmo tipo de linguagem com os favelados; termos como, “perdeu playboy!” ou “tu tá fodido, cadê o chefe da Boca? Tu tá fodido se tu não responder”.

Apesar de pessoas fora da favela saberem o que a “linguagem da favela” é, elas geralmente não conseguem reproduzir exatamente o jeito que elas falam. Durante a pré-produção de *Cidade de Deus*, Kátia Lund, co-diretora do longa, teve que alterar o roteiro pois os atores não acharam compatível a fala com o seus jeitos de falar. Numa entrevista pessoal feita com Kátia, ela diz que os atores diziam: “ó, tia, não é assim que a gente fala não...” e muitas das falas apresentadas no filme foram adaptações e criações dos atores na hora da filmagem. É interessante perceber que nem o especialista em línguas será apto a definir a “linguagem da favela”.

Além do linguajar, esse trabalho aborda a questão da violência e criminalidade na favela. Infelizmente, a criminalidade saiu dos muros da favela e passaram à cidade, onde esse índice só cresce.¹⁰ Uma guerra civil acaba dominando as ruelas da favela, com chefes de Bocas disputando território, conflitos surgindo com desentendimento entre bandas e policias assassinando por encomenda. Esses indícios de violência e corrupção geram uma guerra que fica fora da decisão de cada habitante, mas que envolve todos que moram na favela.

A linguagem apresentada no filme *Cidade de Deus* reflete o meio violento em que vive os personagens da favela. Para aprender a sobreviver, o habitante precisa dominar a linguagem. A favela possui constantes guerras civis, assim como a falta de educação de qualidade. A brutalidade, sentimento de vingança e a violência são fatores que estimulam o uso de palavras de baixo calão, para que assim, o sujeito fique com um vocabulário compatível ao meio em que vive. A falta de um ensinamento padrão nas favelas também acrescenta ao linguajar da favela. Como não há uma forma de passar o conhecimento da linguagem de uma forma padronizada, os pais passam para os filhos e assim em diante. A língua acaba sobrevivendo nos vínculos de cada habitante.

¹⁰ CASTRO, 2011.

BIBLIOGRAFIA

"Entrevista Sobre 'Cidade De Deus' Com Kátia Lund." Entrevista Pessoal. 16 Apr. 2012.

CASTRO, Gabriel. "Brasil Tem Taxa De Homicídios Maior Que a Do Afeganistão." *Veja* 14 Dec. 2011. *Veja/Abril*. Web. 21 Apr. 2012. <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/brasil-tem-taxa-de-homicidios-maior-que-a-do-afeganistao>>.

Cidade De Deus. Dir. Fernando Meirelles. By Paulo Lins. Screenplay by Bráulio Mantovani. Perf. Alexandre Rodrigues, Matheus Nachtergaele, and Leandro Firmino. Imagem Filmes, 2002. DVD.

DOWDNEY, Luke. *Crianças no tráfico: Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2003.

FERNANDES, Nelito. "O Apoio à Violência é Preocupante." *Revista Época* 20 June 2009: 96-118. *Revista Época*. Globo, 20 June 2009. Web. 21 Apr. 2012. <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI58571-15228,00.html>>.

FERRAZ, Silvio. "Está Na Hora De Reagir." In: *Veja*, ago. 2000. <<http://veja.abril.com.br/160800/entrevista.html>>.

MISSE, Michel. *Malandros, Marginais e Vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 1999.

SILVA, José Pereira Da. "O Linguajar Das Favelas Do Rio De Janeiro." *CiFEFiL-Círculo Fluminense De Estudos Filológicos E Lingüísticos*. Web. 21 Apr. 2012. <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(11\)52-64.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(11)52-64.html)>.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. "Violência Urbana", *segurança pública e favelas – o caso do Rio de Janeiro atual*. Salvador: Caderno CRH, v.23, n. 59, p. 283-300, Maio/Ago. 2010.

SPADA, Nina; e LIGHTBOWN, Patsy. *How Languages Are Learned*. Oxford University Press. Third Edition.

ZALUAR, Alba. "O crime S.A. nas sombras do poder." *Da Revolta ao Crime S.A.* 1996: 96-118.